

A ciência nos jornais

ISALTINA MARIA DE AZEVEDO MELLO GOMES

Resumo O objetivo central deste artigo é apontar os fenômenos lingüísticos envolvidos na transposição de entrevistas realizadas com cientistas em textos jornalísticos publicados na imprensa diária. Tomamos como objeto de análise conjuntos de textos (entrevistas e matérias jornalísticas) publicados no *Jornal do Commercio*, que nos permitiram identificar as principais operações lingüísticas e as repercussões dessa transformação no conteúdo proposicional. Nossa análise mostra modificações substanciais entre a entrevista e o texto jornalístico, mas normalmente a idéia básica do texto original é preservada. As imprecisões atribuídas pelos cientistas aos textos jornalísticos de divulgação científica são muito mais uma questão de mudança da perspectiva de interesse do que propriamente distorção de informações. Mesmo se tratando de um estudo de caso, acreditamos que nossas conclusões indicam o que geralmente ocorre na retextualização de entrevistas em textos de divulgação científica para a imprensa diária.

Palavras-chave divulgação científica, jornalismo científico, jornalismo especializado

Abstract The main purpose of this article is to point out linguistic phenomena involved in the transformation of interviews with scientists into news texts published by the daily press. For the analysis, we used sets of texts (interview-journalistic text) published by the *Jornal do Commercio*, that permitted us to identify the main linguistic operations and the effects of this kind of transformation on the propositional content. Our analysis showed substantial changes between interview and journalistic text, but, in general, the main idea from the original text is preserved. The inexactness attributed by scientists to scientific news texts are much more a question of a change in the point of interest than a question of informational distortion. Although a case study, we believe that our conclusions indicate what frequently happens in the transformation of interviews into texts of scientific divulgation by the daily press.

Key words scientific divulgation, scientific news, specialized journalism

Neste artigo, abordamos alguns aspectos que consideramos relevantes para os que lidam com jornalismo científico, como fontes e profissionais da imprensa. Nossas observações se pautam pelos resultados da pesquisa *Dos Laboratórios aos Jornais – um Estudo sobre Jornalismo Científico*, realizada com o objetivo de apontar os fenômenos lingüísticos envolvidos na retextualização de entrevistas realizadas com cientistas em textos jornalísticos publicados na imprensa diária¹. No estudo, examinamos as modificações sintáticas, semânticas e estilísticas envolvidas na transposição de entrevistas realizadas com cientistas para textos jornalísticos, avaliando o grau de fidedignidade informacional resultante dessa transformação. Para tanto, analisamos matérias publicadas na editoria de *Ciência / Meio Ambiente* do *Jornal do Commercio* (JC), do Recife, e as entrevistas orais que as originaram.

Foram várias as razões que motivaram a investigação. Entre elas, nosso trabalho com jornalismo científico na *Agência de Notícias Meio*, que nos conduziu a identificação de alguns problemas no relacionamento entre cientistas e jornalistas². A partir de contatos com pesquisadores, jornalistas especializados em ciência e estudantes de jornalismo, percebemos que a principal dificuldade para a apuração de matérias sobre pesquisas científicas residia no receio dos cientistas de terem seus trabalhos deturpados. Preocupava-nos bastante a reticência dos pesquisadores à imprensa no final do século XX, um momento em que se observava nos veículos de comunicação de massa a abertura de espaços destinados à popularização do conhecimento científico e tecnológico.

Por outro lado, estávamos cientes de que esse temor à imprensa tinha raízes históricas. Na Europa do início do século XVI, os cientistas, com suas atividades censuradas pela Igreja e pelo Estado, faziam reuniões secretas com o objetivo de informar suas descobertas. Dessas reuniões, formou-se, ao longo do tempo, a tradição da comunicação oral sobre assuntos científicos. Só no século XVII, quando floresceram as primeiras sociedades científicas, essa comunicação passou a ser feita por

1. Empregamos os termos “transformação”, “transposição” e “retextualização” quando nos referirmos à passagem do texto da entrevista realizada com cientista para matéria jornalística. Apesar de o termo “retextualização” ter sido empregado por N. Travaglia (1993), em uma tese sobre tradução, achamos adequada a sua utilização neste trabalho, pois o processo de produção de texto jornalístico tem, pelo menos, um aspecto semelhante ao da tradução. O jornalismo, assim como a tradução interlingual, visa à produção de um texto final, a partir do texto-fonte, tentando-se preservar o sentido global do mesmo, ainda que não haja o transporte de um sentido fixo de um código para outro, i.e., de uma língua para outra.
2. Implantada em março de 1989, no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco, a *Agência de Notícias Meio* divulga a produção científica da instituição a partir de matérias produzidas por estudantes de Jornalismo na disciplina Jornalismo Científico.

meio da escrita, inicialmente através de cartas, monografias e livros em latim e depois em periódicos científicos.

Embora no século XVII, periódicos como *Gazette de France* (1631) e *Journal des Scavants* (1664) publicassem textos sobre temas científicos, a divulgação sistemática pela imprensa de assuntos sobre ciência só veio a ocorrer no século XIX. Mesmo assim, limitava-se a publicar na íntegra ou reescrever artigos dos periódicos científicos. Nem as grandes invenções daquele século, como o barco a vapor, a locomotiva a vapor, o telégrafo, o telefone, a tração mecânica, a eletroquímica e o eletromagnetismo, motivaram grandes coberturas na imprensa da época (Burkett 1990 [1929]). Quando começaram a dedicar mais espaço à ciência, no final daquele século, os veículos de comunicação abusavam do sensacionalismo e transformavam a ciência em pseudociência. Os excessos cometidos por alguns jornais deixavam em estado de alerta os cientistas, como observa Krieghbaum (*apud* Burkett 1990[1929]: 30-31).

O trauma de ter suas atividades mal representadas foi tão intenso que, mesmo décadas depois e apesar do surgimento de jornalistas científicos como profissionais voltados em tempo integral para a ciência, os cientistas antigos contavam aos recém-chegados os 'horrores' de ter seu trabalho veiculado pelos meios de comunicação de massa.

Talvez devido aos exageros cometidos pela imprensa em relação à ciência, Calvo Hernando (1990) considera que o nascimento do jornalismo científico só tenha ocorrido na segunda década do século XX e, a partir de então, difundiu-se rapidamente como consequência da popularização da imprensa escrita e da explosão técnico-científica. De acordo com Burkett (1990[1929]), o desenvolvimento das armas utilizadas nas I e II Guerras Mundiais também chamou a atenção da imprensa para as descobertas científicas.

No período entre guerras, várias empresas jornalísticas colocaram profissionais voltados em tempo integral para assuntos científicos. Foi o caso do *The New York Times*, do *Herald Tribune*, da *Scripps-Howard Newspapers*, da *United Press*, do *Science News* e da *Associated Press*. Com o tempo, os jornalistas especializados em temas científicos sentiram a necessidade de se organizar em associações para defender seus interesses, entre os quais, sensibilizar os cientistas e proprietários de veículos de comunicação da importância da informação científica para o desenvolvimento e bem-estar dos países. Assim foi criada, em 1934, a *National Association of Science Writers* (NASW). Atualmente, são várias as associações que reúnem jornalistas científicos, como a *Associação Brasileira de Jornalismo Científico*; a *Associação Iberoamericana de Jornalismo Científico*; a *União Européia de Associa-*

ções de *Jornalismo Científico*, constituída por associações nacionais de países europeus; e a *Associação Internacional de Escritores de Ciência*.

O surgimento da imprensa especializada em ciência permitiu que um público mais amplo tivesse acesso a informações antes restritas a cientistas e seus pares. Ao transmitir de maneira simples novas idéias, conceitos e técnicas aos quais o grande público dificilmente teria acesso, o jornalismo científico possibilitava a democratização dos saberes científico e tecnológico.

No entanto, o conhecimento científico ainda continua essencialmente restrito à elite acadêmica, pois os pesquisadores, temendo a distorção de seus trabalhos, esquivam-se à divulgação de sua produção em veículos de massa. Esse receio acentuou-se com o crescimento da divulgação científica na imprensa diária que, adepta do imediatismo e da concisão, e visando a alcançar um número maior de leitores, procura simplificar a complexidade da linguagem científica. A finalidade dessa simplificação é tornar o conhecimento científico mais acessível ao leitor não-especialista³. Mas, para muitos pesquisadores, ela pode provocar distorções inadmissíveis.

O público tem direito à informação científica, o cientista, por sua vez, recebe o tratamento que será dado às suas informações. Está assim criado o impasse. A professora do Departamento de Pesca da Universidade Federal Rural de Pernambuco Liana Barroso Fernandes, por exemplo, passou a integrar o rol dos cientistas reticentes à imprensa depois que teve uma de suas pesquisas divulgada de forma sensacionalista. Para ela (*apud* Cientistas...,1991: 7), *“a ciência não precisa de sensacionalismo, ela já é algo sensacional. Um apelo ridículo pode tirar a credibilidade da pesquisa e do próprio jornal”*. Por outro lado, existem pesquisadores que defendem a importância e adequação dos veículos de massa na divulgação científica. Esse é o caso de Ricardo Braga (*apud* Cientistas...,1991:7), professor de Ecologia da Universidade Federal de Pernambuco: *“jornal e revista são meios ideais para se atingir o grande público. O jornalismo científico tem quebrado o tabu de muitos pesquisadores que consideram as revistas científicas o único espaço para a publicação de seus trabalhos”*.

Em pesquisa sobre o relacionamento entre jornalistas e cientistas, Cavalcanti (1993) revela opiniões curiosas sobre a questão. Um dos pesquisadores entrevistados diz não saber que linguagem jornalística é essa que deturpa tanto as informações dadas. Alguns jornalistas, no entanto, argumentam que, muitas vezes, é o cientista que não sabe expressar exatamente o que está querendo dizer, e assim pro-

3. Neste artigo, quando se fizer referência a leitores especialistas e não-especialistas, estar-se-á considerando que especialistas em um campo são não-especialistas em quase todos os demais.

voca má compreensão. Cavalcanti (1993:32) salienta: a utilização de uma linguagem adequada ao público é uma meta do jornalismo. No jornalismo científico, a situação se complica, pois a linguagem deve ser acessível ao público e satisfazer a precisão científica. Levando-se em consideração que a precisão da ciência deixa pouca margem a interpretações, qualquer tentativa de escrever um texto mais leve pode resultar em erros se o assunto não estiver bem compreendido.

Aqui vale chamar a atenção para um aspecto que é determinante no diagnóstico dos erros do jornalismo científico: as diferentes visões de mundo de repórteres e pesquisadores. Nelson (1994:41) avalia que “[...] *os cientistas e os jornalistas são orientados por princípios diferentes. Os cientistas procuram a verdade, enquanto os jornalistas procuram a verdade e, também, a notícia*” (grifo do autor).

Nessa perspectiva, Yriart e Marro (1991) observam que grande parte das reclamações sobre deturpação de conteúdo nos textos jornalísticos sobre ciência e tecnologia deve-se, na maioria das vezes, a uma percepção equivocada do discurso jornalístico por parte dos investigadores, sujeitos das notícias. Isso significa que muitas das alterações apontadas nesse tipo de matéria não podem ser consideradas como erros, e sim como resultado da adaptação do discurso científico ao discurso jornalístico.

A RETEXTUALIZAÇÃO DE ENTREVISTAS EM MATÉRIAS JORNALÍSTICAS

Redução do volume de linguagem

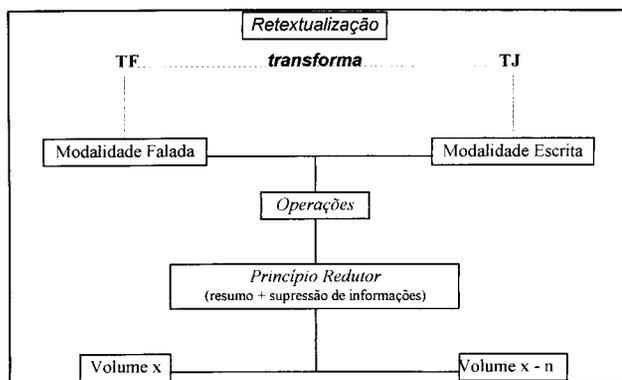
Um dos aspectos que nos chamaram a atenção na transformação de entrevistas realizadas com pesquisadores em textos jornalísticos foi a drástica redução do volume de linguagem. Por isso, resolvemos quantificar essa redução. Para chegarmos ao índice de redução, consideramos tanto as falas dos pesquisadores quanto as dos jornalistas, pois, além de estarmos tratando de um gênero textual que necessita da participação de, pelo menos, dois interactantes, o *corpus* analisado apresenta várias situações em que enunciados do repórter durante a entrevista foram aproveitados no texto jornalístico.

No estudo, verificamos que o índice de redução entre o total de palavras das entrevistas (incluindo artigos, preposições, nomes, pronomes, palavras cortadas, elementos não lexicalizados etc) com o das matérias publicadas (incluindo título, antetítulo, subtítulo e intertítulo) varia entre 84,21% e 89,57%, perfazendo a média de 86,79%.

Essa constatação é, pelo menos, um indício de que a transformação de entrevistas em matérias jornalísticas tem por princípio a redução informacional⁴. Presumimos que tal fato, a que designamos *princípio redutor*, deve-se a duas razões básicas:

- a) o texto produzido na entrevista jornalística, dirigida especificamente aos veículos impressos, é excessivamente redundante;
- b) as normas do jornalismo levam à eliminação de grande parte das informações.

A nosso ver, na retextualização de entrevistas em textos jornalísticos, entram em ação operações que suprimem as características da fala e tratam o texto estilisticamente, adequando-o às normas do jornalismo, e o *princípio redutor*. Apesar de funcionar a partir de estratégias semelhantes as do resumo, esse princípio vai além da simples sintetização, pois implica supressão de informações (v. figura 1)⁵.



Com a figura 1, queremos mostrar que a retextualização de que tratamos neste artigo não apenas transforma o texto-fonte (no caso, a entrevista) em texto jornalístico, mas também a modalidade falada na modalidade escrita, reduzindo seu volume de linguagem.

É importante não perder de vista o fato de as entrevistas que constituem o *corpus* analisado terem sido realizadas com o propósito de serem utilizadas na pro-

4. Quando falamos em redução, referimo-nos à supressão de uma boa parte de informações e não à sua condensação.
5. Mesmo considerando o *princípio redutor* bem mais abrangente que o resumo, esclarecemos que este último é fundamental para a metodologia da redação dos *leads*, títulos, antetítulos e subtítulos.

dução de matérias para o jornalismo impresso. Ocorre que na mídia eletrônica, principalmente quando se trata de entrevistas *ao vivo*, são dadas ao entrevistado algumas orientações no sentido de atender às especificidades do veículo. O repórter de rádio ou televisão costuma solicitar, por exemplo, objetividade e brevidade nas respostas, enquanto nas entrevistas realizadas especificamente para a mídia impressa as "regras do jogo" praticamente inexistem. Esse é um dos fatores que podem acarretar uma diferença substancial no volume de linguagem produzido nas entrevistas realizadas para as mídias impressa e eletrônica.

Também devemos levar em conta que o maior ou menor volume de linguagem de determinado texto sempre é relativo a um outro ao qual o estamos comparando. No caso do *corpus* analisado, a matéria jornalística (texto escrito) é o parâmetro utilizado para dimensionar o excesso de linguagem verificado na entrevista (texto falado). Mas, se o parâmetro adotado fosse outro texto falado do mesmo gênero, provavelmente, constataríamos uma certa equivalência no volume de fala. Seguindo esse raciocínio somos levados a admitir que tanto a diferença de modalidade quanto de gênero entre texto-fonte e texto jornalístico são determinantes para a redução do volume de linguagem.

Em nossa percepção, características inerentes à oralidade, como repetições, hesitações, auto-correções e estruturas sintáticas truncadas, também influíram no volume de linguagem produzido nas entrevistas do *corpus* analisado.

OPERAÇÕES RETEXTUALIZADORAS

Para que as informações científicas sejam acessíveis ao leitor, o jornalista reconstrói o texto obtido na entrevista e, para isso, é necessário um certo número de operações retextualizadoras. Algumas dessas operações são efetuadas quase que mecanicamente, pois são inerentes ao processo de transformação da fala em escrita, e visam à idealização e à regularização lingüísticas⁶. Outras objetivam facilitar a compreensão do público-alvo ou atender às normas editoriais da empresa jornalística.

Tomando como apoio teórico Van Dijk (1990) e Marcuschi (1993), observamos quatro operações básicas na retextualização de entrevistas em textos jornalísticos: *eliminação*, *substituição*, *acréscimo* e *reordenação*. Van Dijk (1990:170) observa

6. As atividades de idealização dizem respeito à eliminação de elementos estritamente relacionados ao uso, como hesitações, marcadores e truncamentos. Na regularização, ocorrem modificações em função da norma lingüística padrão.

que a eliminação é responsável pela supressão de elementos lingüísticos irrelevantes para o texto e suas condições podem ser internas e externas:

Os critérios internos supõem as decisões sobre a irrelevância do detalhe ou detalhes que não são coerentes com os modelos, os argumentos ou as atitudes dos jornalistas ou dos leitores (segundo o jornalista). As condições externas são as limitações especiais ou a impossibilidade de verificar um detalhe importante, mas controvertido, baseando-se em outras fontes.

A eliminação de marcas da fala é praticamente intuitiva, sendo responsável pela supressão de hesitações, marcadores conversacionais, dêiticos, duplicações, redundâncias e truncamentos. Esse fenômeno toma por base a idealização lingüística.⁷ Já a eliminação informacional é a supressão de informações consideradas irrelevantes ou secundárias para a matéria jornalística. Em nossa pesquisa, constatamos, por exemplo, a tendência dos pesquisadores de chamar a atenção para determinadas informações que, do ponto de vista jornalístico, não têm tanta relevância, como pode ser observado num trecho de entrevista, transcrito no *exemplo 1*.

Exemplo 1)

Texto-Fonte (Entrevista IV)

J3 - professora ... o trabalho foi desenvolvido só pela senhora foi?

C15 - esse trabalho eu desenvolvi com meus orientadores ... que é o doutor T

J3 - como?

C15 - J M T

J3 - ah certo

C15 - certo e a doutora M S

J3 - certo

C15 - isso inclusive se você pudesse dar é interessante porque realmente foram/ foi graças a eles que eu tive acesso a laboratÓRIO e me ensinaram a técnica e eles foram treinADOS pela PIOneira de cultura de antera ... que se chama doutora C N ... uma francesa ... foi uma das PRIMEIras a trabalhar com essa TÉCNica ... aí eles tiveram a oportunidade de aprender com ELA e eu com eles ... então isso foi uma grande chance que eu tive ... de aprender

A inclusão do nome do orientador ou de colaboradores da pesquisa é um caso que, na ótica do pesquisador, pode significar reconhecimento e respeito. Para o repórter, no entanto, esse é o tipo de informação que nada acrescenta à matéria. Ao jornalismo científico, interessa basicamente promover pesquisas, descobertas científicas, avanços tecnológicos, e não pessoas.

7. Dêiticos são elementos lingüísticos que, num enunciado, podem fazer referência à situação em que esse enunciado é produzido; ao momento do enunciado; ou ao falante (Dubois, 1993).

Tendo como base a regularização lingüística, bem como os cânones do jornalismo, a retextualização de entrevistas orais em matérias jornalísticas envolve o tratamento estilístico da fala e, geralmente, exige a seleção de novas opções lexicais, ou seja, a substituição lexical. Há, no jornalismo, a tendência de empregar palavras de uso corrente. Isso não significa dizer, no entanto, que são utilizadas termos vulgares. Algumas vezes, a substituição lexical ocorre como estratégia para evitar a repetição de palavras. Já a substituição informacional ocorre, na maior parte das ocasiões, com o intuito de atender às normas jornalísticas, especialmente a concisão e a clareza. No entanto, não se pode negar que há casos de falseamentos, acarretados principalmente pela má compreensão ou por inferências sem base textual. É o que ocorre no *exemplo 2*.

Exemplo 2)

Texto-Fonte (Entrevista II)

J2 - agora ... a unicamp desenvolveu isso com quanto tempo de atraso? você tem uma idéia?

C8 - não ... a uniCAMP ... desenvolveu isso nos anos/ no fim dos/ nos anos seTEN:ta ela começou a trabalhar nisso

J2 - era no auge da::

C8 - é/ não é que/ o desenvolviMENTo/ a tecnologia ela já eXISte há muitos anos

J2 - há muitos anos é

C8 - a imPLANTaÇÃO dela no Brasil é que que está está atrasada

(...)

J2 - agora quanto tempo depois ela conseguiu alcançar isso? você tem idéia?

C8 - em em torno de CINco anos ela tinha dominado a tecnologia ... isso nos anos setenta ... então ... seGURamente desde mil novecentos e oiTENTA eXISte a tecnologia no Brasil

Texto Jornalístico II

No Brasil, quem desenvolveu a tecnologia de fabricação das fibras foi a Universidade de Campinas (Unicamp), há cinco anos. Mas, desde 1970, a fibra é mundialmente conhecida.

Nesse exemplo, o pesquisador deixa claro que a Unicamp começou a desenvolver o trabalho (tecnologia de fabricação de fibras ópticas) no final dos anos setenta e que mais ou menos cinco anos depois já havia dominado a tecnologia. Entretanto, há a substituição dessa informação por uma outra que, de acordo com a entrevista, parece totalmente equivocada: *“No Brasil, quem desenvolveu a tecnologia de fabricação das fibras foi a Universidade de Campinas (Unicamp), há cinco anos.”* Outro equívoco identificado, e relativo à substituição informacional, diz respeito ao período de existência da tecnologia da fibra óptica. A matéria informa: *“[...] desde 1970 a fibra óptica é mundialmente conhecida.”* Na entrevista, o pesquisador

afirmou apenas que a tecnologia da fibra óptica já existe há muito tempo e que a Unicamp começou a trabalhar nessa tecnologia no final dos anos setenta.

A retextualização de entrevistas orais em textos jornalísticos pode envolver ainda o acréscimo de informações, bem como os relacionados mais diretamente à transformação da fala em escrita, i.e., a introdução de marcas da escrita⁸. Esse último tipo é o mais rotineiro, tornando-se uma atividade quase que mecânica. Já o acréscimo informacional é, muitas vezes, necessário para complementar informações ou facilitar a compreensão do leitor, especialmente em situações em que é fundamental o uso do jargão científico. Em geral, são oriundos de outros textos-fonte ou do conhecimento do próprio repórter. Esse é o caso do *exemplo 3*.

Exemplo 3)

Texto-Fonte (Entrevista I)

C5 - (...) quando a gente aplicava uma carga nele:: de zero vírgula cinco megapascal

J1 - o que é:: i::sso?

C5 -[é::

J1 - [megapascal?

C5 - é é:: quilo por centímetro quadrado/ é:: que/ é:: ... quer dizer é ... megapascal ... nã/ bom na verdade [megapascal

J1 - [é mil vezes

C5 - é newton por metro quadrado tá certo?

J1 - newton é:: é peso na [verdade

C5 - [é:: e':

J1 - é pe/ quilograma ve::zes a:: aceleração da velocidade né isso?

C5 - é tá certo então ... é/ na verdade o megapascal é::: equivalente a:: dez mil/ a:: um milhão de newton por megapascal ... tá certo? ()

J1 - um milhão de newton ... por centímetro [quadrado

C5 - [por metro

J1 - por metro?

C5 - se quiser bota megapascal todo mundo entende ... já: já é uma unidade:: hoje bem divulgada

8. Por acréscimo de marcas da escrita entendemos a introdução de parágrafos e da pontuação. O *acrécimo* dos sinais de pontuação (ponto, vírgula, ponto e vírgula, dois pontos, travessão, exclamação, interrogação) é orientado, basicamente, mas não só, pelas pausas e entoações percebidas nos enunciados orais. Em geral, a introdução de parágrafos na escrita é orientada pela mudança dos tópicos da fala. No jornalismo, entretanto, há uma regra de estilo que se sobrepõe à mudança de tópicos: os manuais de redação recomendam que sejam evitados parágrafos demasiadamente longos ou excessivamente curtos, procurando-se equilibrar o tamanho dos mesmos (Martins, 1990; Folha de S. Paulo, 1984, e Manual de Normatização do Jornal do Commercio, s.d.).

Texto Jornalístico I

A ABNT estipula como limite mínimo para a tensão de ruptura dos tijolos portantes (os que sustentam as construções) quatro megapascals (peso dividido pela área onde ocorre a pressão).

Aqui queremos chamar a atenção para a habilidade do repórter, que conseguiu, de forma simples e concisa, explicar o significado do termo megapascal. O acréscimo informacional pode ter resultado de um raciocínio do tipo “se ‘quilo’ e ‘newton’ são unidades de peso, ‘centímetro quadrado’ e ‘metro quadrado’, unidades de área e, nas ciências exatas, ‘por’ indica divisão, infere-se que ‘megapascal’ seja o peso dividido pela área”. Mas independente de qual tenha sido seu procedimento para chegar a essa conceituação, o certo é que tornou claro o significado de um termo provavelmente desconhecido pelo leitor sem formação específica na área.

Van Dijk (1990) assinala que a produção de matérias jornalísticas, quando se toma por base textos-fonte que não possuem uma estrutura de esquema jornalístico, requer freqüentemente sua reordenação, determinada por critérios de relevância. Por isso, o texto jornalístico pode apresentar como prioritária determinada informação que, na visão do cientista, é tida como um dos dados de seu trabalho, mas não o mais importante. A opinião de um jornalista especializado em ciência, citado por Cavalcanti (1993:39), ilustra esse tipo de situação com o exemplo de um cientista que desenvolve pesquisa sobre a produção de papel utilizando o caule de bananeira:

Para ele, o pesquisador está muito mais preocupado com os gramas de soda cáustica ou de cloro que serão usados para branquear. Entretanto, jornalisticamente é mais importante dizer ao pequeno produtor que a bananeira que ele tem no fundo do quintal, que é tratada como lixo, serve para fazer papel.

Vemos, portanto, que a diferença na perspectiva da construção da informação pode ser um dos pontos de conflito de interesses entre o cientista e o jornalista. O cientista não visa informar e sim justificar e fundamentar adequadamente suas assertivas, ao passo que o jornalista tem em mente a informação.

Outro aspecto a ser observado é que, nos textos jornalísticos, a ordem semântica não é determinada pela seqüência dos fatos, mas pela coerência funcional baseada na relevância. A partir da idealização de um estereótipo do público-alvo, o jornalista procura, intuitivamente, identificar o que é relevante para o leitor e daí inicia a produção de seu texto. Assim, o que é tido como mais relevante ou interessante vem no início, seguido pelas informações secundárias e detalhes, também inseridos por ordem decrescente de importância. Essa estrutura é denominada por Van Dijk

(1985, 1990, 1992) de *estrutura de relevância*, que corresponde ao que no jornalismo é conhecido como *pirâmide invertida*.

Em suma, o texto jornalístico não segue uma ordem cronológica de acontecimentos, mas uma seqüência de prioridades. De acordo com os cânones do jornalismo, é no *lead*, ou abertura da matéria, que deve estar a informação mais relevante. No jornalismo científico, procura-se a relevância nas conclusões das pesquisas e na aplicação de seus resultados no cotidiano das pessoas. Não são prioritárias ao jornalista, por exemplo, as observações que geraram hipóteses, ou os materiais e os métodos utilizados no trabalho. Geralmente, a relevância, para o jornalista, encontra-se justamente nos efeitos concretos dos resultados das pesquisas.

A reordenação informacional é, portanto, fundamental para a produção de matérias jornalísticas, pois possibilita mover dados importantes para o início ou detalhes secundários para o final do texto, resultando num esquema textual em que vêm prioritariamente informações que, sob a ótica do repórter, chamam a atenção e interessam ao público.

Um aspecto curioso é que o entrevistado tende a se guiar pela organização canônica do discurso científico. O repórter, por sua vez, procura direcionar a conversa tendo em vista a *estrutura de relevância*. Obviamente, ao final da entrevista, o cientista não terá produzido, com o jornalista, um texto com as mesmas características de seu texto escrito e muito menos uma matéria jornalística.

Durante a entrevista, o pesquisador procura ressaltar o que acredita ser prioritário. Na produção dos textos jornalísticos, é o repórter quem comanda os critérios de seleção e relevância. Assim, a tendência é que haja uma inversão no enfoque do discurso do cientista, pois o jornalista visa a destacar as conseqüências práticas e imediatas da pesquisa. Face a isso, pode haver situações em que os interesses do cientista não coincidam com o que é publicado, dando a impressão que houve deturpação. Mas o que ocorre não é tanto a distorção da idéia central, e sim a mudança da perspectiva de interesse.

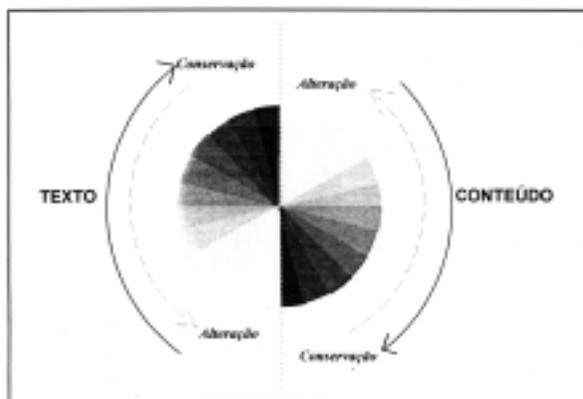
REPERCUSSÕES DA RETEXTUALIZAÇÃO

Além de verificar as transformações lingüísticas locais, interessou-nos também observar a repercussão da retextualização no conteúdo do texto-fonte. Nesse aspecto, dois tipos básicos de situações foram identificadas em nossa análise:

(i) *conservação do conteúdo*;

(ii) alteração do conteúdo.

Salientamos que tanto *(i)* quanto *(ii)* podem ter diferentes níveis de gradação. A *alteração*, por exemplo, pode envolver desde a supressão de parte do conteúdo até o falseamento de informação. Semelhante escala de possibilidades também pode ser observada na *conservação* de conteúdo. Na figura 2, tentamos esquematizar a relação existente entre *alteração/conservação* do texto-fonte e conteúdo do texto jornalístico.



Com essa figura queremos deixar clara a idéia de que quanto maior a supressão e mais variadas as operações retextualizadoras, tanto maior a probabilidade de *alteração* do conteúdo. De igual modo, quanto menor a supressão e menos variadas as operações de retextualização, tanto maior será a probabilidade de *conservação* do conteúdo. Acreditamos, portanto, que, na retextualização de entrevistas em textos jornalísticos, nem sempre vamos encontrar casos de fidedignidade ou falseamento de informações. O esperado é que o conteúdo seja mais ou menos fiel ao que foi dito originariamente.

CONCLUSÃO

Neste artigo, relatamos, resumidamente, os principais resultados de uma pesquisa em que procuramos identificar os fenômenos lingüísticos que ocorrem na retextualização de matérias jornalísticas a partir de entrevistas realizadas com cientistas. O exame do *corpus*, formado por matérias publicadas na editoria *Ciência/Meio Ambiente*, do *Jornal do Commercio*, e as entrevistas orais que as originaram,

possibilitou a identificação de quatro tipos básicos de operações retextualizadoras: *eliminação*, *substituição*, *acréscimo* e *reordenação*.

Cada uma dessas operações se desdobra em subtipos, dentre os quais destacamos a *eliminação de marcas da oralidade*; a *eliminação informacional*; a *substituição lexical*; a *substituição informacional*; o *acréscimo informacional*; o *acréscimo de marcas da escrita* e a *reordenação informacional*. Salientamos que algumas delas afetam mais o conteúdo proposicional que outras. A *eliminação de marcas da oralidade* e o *acréscimo de marcas da escrita*, por exemplo, têm muito menos probabilidade de provocar alterações de conteúdo do que as operações de *eliminação*, *substituição* ou *acréscimo* de informações.

Convém ressaltar que a transformação de entrevistas em textos jornalísticos envolve geralmente o emprego de várias operações simultâneas. Assinalamos ainda que quanto mais diversas as operações retextualizadoras, tanto maior a probabilidade de haver alterações de conteúdo.

O texto jornalístico, produzido a partir de entrevistas orais, é essencialmente parafrástico. A construção de paráfrases visa não apenas a simplificação das informações que serão levadas ao conhecimento do público, mas também a concisão do texto. Percebemos ainda que a eliminação e a reordenação de informações são operações comuns a este tipo de atividade, o que, naturalmente, pode fragmentar os dados. É possível que na visão dos pesquisadores entrevistados, ou de seus pares, muitas das informações presentes nos textos de divulgação científica sejam tidas como superficiais ou incompletas. Aqui ponderamos que a função do jornalismo científico é, essencialmente, tornar públicas as experiências e os avanços da ciência e da tecnologia de modo que o leitor leigo possa inteirar-se, e não reproduzir os detalhes das pesquisas que, provavelmente, só seriam compreendidos por especialistas no assunto. Além disso, sabemos que informações precisas mas herméticas dificilmente conseguiriam popularizar a ciência.

Importa ressaltar que a maioria das operações retextualizadoras procura atender às regras do estilo jornalístico, especialmente aquelas relacionadas à *clareza*, à *simplicidade*, e à *concisão* dos textos, e, em geral não comprometem o conteúdo global do(s) texto(s)-fonte. Embora tenhamos detectado modificações substanciais, principalmente na organização informacional dos textos-fonte, julgamos que a essência do texto produzido nas entrevistas foi preservada. Aqui, achamos oportuno destacar que, em nossa opinião, a fidelidade dos textos jornalísticos deve ser medida em relação ao conteúdo global dos textos-fonte. Ou seja, mesmo que alguns de seus trechos tenham sofrido alterações informacionais, não se pode negar a preservação do conteúdo quando há a manutenção do núcleo do texto original.

Os dados analisados mostram que as diferenças de enfoque existentes entre os textos de cientistas, produzidos durante as entrevistas, e os textos jornalísticos podem apresentar alterações, mas o que ocorre não é tanto a distorção da idéia central e sim a mudança da perspectiva de interesse. Durante a entrevista, o pesquisador procura ressaltar o que acredita ser prioritário. Na produção dos textos jornalísticos, é o repórter quem comanda os critérios de seleção e relevância, utilizando parâmetros extrínsecos ao esquema textual dos informes científicos. Ou seja, para decidir sobre o que vai ser publicado e o que deve ser destacado, o jornalista leva em consideração as normas de estilo da imprensa, os interesses do leitor, e do veículo para o qual trabalha, e não a estrutura dos textos científicos. Face a isto, pode haver situações em que os interesses do cientista não coincidam com o que é publicado.

Por fim, assinalamos que a transformação de entrevistas em matérias jornalísticas resulta numa visível redução do volume de linguagem do texto-fonte. Em nossa concepção, essa redução de volume é guiada por um *princípio redutor* que, apesar de funcionar a partir de estratégias semelhantes às do resumo, não se restringe à condensação de informações, mas conduz à supressão de boa parte dos dados presentes nas entrevistas.

Devido ao caráter eminentemente qualitativo da pesquisa, a metodologia aqui empregada nos impede de generalizar os resultados obtidos. No entanto, pela constante ocorrência de determinados fenômenos no *corpus* analisado, acreditamos ser possível, a partir de nossas conclusões, indicar a tendência do que ocorre na produção de textos de divulgação científica publicados na imprensa diária.

REFERÊNCIAS

- BURKETT, Warren (1990)[1929]. *Jornalismo Científico: Como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação*. Rio de Janeiro, Forense Universitária
- CALVO HERNANDO, Manuel (1990). El Periodismo del III Milenio. *Arbor* 534/535: 59-71.
- CAVALCANTI, Fabiane (1993). *Jornalistas e Cientistas: Os entaves de um diálogo*. Recife, (mimeo), 73p.
- CIENTISTAS e Jornalistas: Um diálogo ainda não resolvido. (1991). *Jornal do Commercio*. Ciência / Meio Ambiente. 31 mar, p.7.
- DUBOIS, Jean et al. (1993) *Dicionário de Lingüística*. São Paulo, Cultrix.
- DIÁRIO de Pernambuco: *Manual de redação* (1991). Recife, Comunicarte.
- FOLHA de S. Paulo: *Manual geral de redação*. (1984). São Paulo, FSP.
- MANUAL de Estilo Editora Abril: *Como escrever bem para nossas revistas*. (1990). Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- MANUAL de Normatização do *Jornal do Commercio*. (s.d.) Recife, Jornal do Commercio.
- MARCUSCHI, Luiz A. (1993). *Da Fala para a Escrita*. Recife, (mimeo), 26 p.

- MARTINS, Eduardo (org.) (1990). *O Estado de S. Paulo: Manual de redação e estilo*. São Paulo, O Estado de S. Paulo.
- NELSON, Peter (1994). *Dez Dicas Práticas para Reportagens sobre o Meio Ambiente*. Reston, Centro para jornalistas estrangeiros.
- TRAVAGLIA, Neuza (1992). *A Tradução numa Perspectiva Textual*. Tese de Doutorado, USP, (mimeo), 315 p.
- VAN DIJK, Teun A. (1985). Structures of News in Press. In T. A. van Dijk (Ed.) *Discourse and Communication: New approaches to the analysis of mass media discourse and communication*. Berlin, De Gruyter, pp. 69-93
- _____, Teun A. (1990). *La Noticia como Discurso: Comprensión, estructura y producción de la información*. Barcelona, Paidós Comunicacción.
- _____, Teun A. (1992). *Cognição, Discurso e Interação*. São Paulo, Contexto.
- _____, Teun A. (1989). *La Ciencia del Texto*. Barcelona, Paidós Comunicacción.
- YRIART, Martin e MARRO, Mabel (1991). Las Superestructuras Textuales de la Noticia y del Informe de Investigación como Barrera Comunicacional. *Anais do 3º Congresso Brasileiro de Jornalismo Científico*. São Paulo, pp. 43-47.

ISALTINA MARIA DE AZEVEDO MELLO GOMES é professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), lecionando na graduação de Jornalismo e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação. É também editora do *Clipping Virtual* (www.csocialufpe.com.br/clipping), informativo eletrônico que divulga a produção científica e tecnológica da UFPE. De 1996 a 2000, coordenou o GT Comunicação e Ciência da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). isaltina@elogica.com.br

Artigo recebido em outubro de 2001